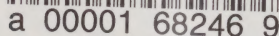
VIRGINIA VICTORINO



APAIXONADAMENTE



DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Virginia Victorino

Apaixonadamente

4ª edição

Luisa Vaz...



DA AUCTORA:

Namorados........................... 8.ª edição

APAIXONADAMENTE

VIRGINIA VICTORINO

APAIXONADAMENTE

4.ª EDIÇÃO



LISBOA
1924

APAIXONADAMENTE

Fui compondo estes versos, absorvida
no rythmo da minh'alma, sempre anciosa,
para n'elles ficar, triste ou gloriosa,
uma existencia inteira resumida.

Assim os fiz, pela paixão vencida,
— e, porque fui vencida, victoriosa... —
n'esta febre constante de ambiciosa,
magua e prazer de toda a minha vida!

Cada verso é uma pedra mais que eu ponho
na cathedral immensa do meu sonho,
. . . ria embora do Sonho toda a gente!

A vida humana, seja ou não tranquilla,
profunda ou não, — só poderá sentil-a
quem a sentir *apaixonadamente*.

LUCIDEZ

GUARDO, emquanto puder, esta illusão,
— illusão que afinal me não illude... —
Sei que nada ha na vida que não mude,
nem mesmo ha eternidade na paixão!

Tenho sido talvez violenta, rude,
para o meu pobre e triste coração!
Mas nunca soube ouvir-me! Foi em vão
que para o convencer fiz quanto pude!

Has-de mentir-me, eu sei, mas muito embora!
Dize-me sempre e sempre, a toda a hora,
as palavras que gosto de te ouvir!

Conscientemente, vou queimando as azas...
Sou como alguem que olhe o rubor das brazas
na certeza das cinzas que hão-de vir.

SOSINHA

VOLTEI, para sentir, para lembrar,
quasi morta a esperança derradeira...
— Se eu tinha de soffrer d'esta maneira,
antes nunca pudesse aqui voltar...

Ha-de lembrar-me tudo a vida inteira!...
A tua voz vibrando á luz do luar,
e o rouxinol, romântico, a cantar,
a cantar sobre a velha laranjeira...

Mas como isso vae longe! Tu, partiste...
A luz do luar é cada vez mais triste,
ha tanta dor, tanta saudade, tanta!

Nada. Ninguem. Meu Deus! Meu Deus! — imploro. —
E emquanto, abandonada, eu scismo e chóro,
sómente o rouxinol, sereno, canta...

CARTA

MARIA : o que mandaste, recebi.
Nós todos vamos indo com saude;
e se ha mais tempo já não te escrevi,
foi porque tive que fazer, não pude.

Não calculas decerto a minha vida,
depois que vim d'ahi. O que eu mudei!
Sinto-me sempre bem, tão entretida
que nem penso nas horas, nem as sei.

Tu, continuas agitadamente
essa vida exhaustiva da cidade,
que é, como vês, o que te põe doente,
excitando-te os nervos, a anciedade!

Agora, mais que nunca se accentúa
essa febre invencivel que te abraza...
Vives só para os outros, para a rua,
e tens tão pouco amor á tua casa!

Agora, a nossa forma de pensar
differe muito mais. Eu só desejo
não tornar ao que fui, nem complicar
esta sagrada paz em que me vejo.

Vamos nós em meados de Setembro.
Levantâmo-nos cêdo. Manhãsinha,
á hora a que te deitas, — bem me lembro! —
já eu ando a correr por entre a vinha.

Um banho frio, simples e banal,
bem diverso dos teus, — e vou lá acima,
n'um riso bom, contente, sempre egual,
fallar um pouco á gente da vindima.

Dá meio dia... A hora então é linda!
Jantâmos, muitas vezes junto ao poço.
— Á mesma hora, somnolenta ainda,
mandas servir o teu primeiro almoço...

Lês os jornaes e pintas-te... Eu, depois
do meio dia, ás vêzes, faço renda,
ou levo eu propria o feno para os bois,
emquanto espero o instante da merenda.

Dão agora seis horas. Adivinho
que te chama a frescura d'um sorvête...
Passas. Rojam-se feltros. No caminho,
eu scismo na verdade d'um barrête.

Se ao avistár-te cada qual prerára
phrases banaes para dizer-te adeus,
— que encanto o de uma voz, honesta e clara,
dizendo simplesmente: — «Salve-a Deus!...» —

Embrulhas-te em abafos estrangeiros
se achas na tarde um pouco de aspereza.
E eu quando á tarde vou, pelos carreiros,
opponho ao frio um chaile... á portugueza.

Jantas, vaes ao theatro, estás cansada.
Mal na quinta acabou todo o rumor,
eu, para ter a noite aproveitada,
ensino a ler os netos do feitor.

É muito tarde. Fumas, finda a ceia,
os teus cigarros certamente inglezes...
Esta bôa gentinha cá da aldeia,
se te visse, benzia-se trez vezes.

Quando chegar um dia a saciedade
do que afinal te cansa e faz soffrer,
pensa que a aldeia ensina aos da cidade
a divina alegria de viver.

Queres vir? Dou-te um quarto olhando os céus,
— o que fica do lado da glycinia. —
E não se passa mal, graças a Deus...
Acceita mil saudades para os teus,
e dispõe como sempre, da

VIRGINIA

AUSENCIA

Ha já trez dias que não vens. Decerto
imaginas o mal que me tens feito;
e crê, se me resolvo a vir dizer-t'o,
é porque já não cabe no meu peito!

Isto afinal o que é? Vaidade? Geito?
Fraqueza? Nem eu sei... Ao ver-te perto,
sinto o meu coração tão satisfeito
que do jugo encantado o não liberto!

Não vens! Mas sabe Deus se essa loucura
não recahe sobre ti em amargura!
— Tu não consegues illudir-me assim!

Pois que póde importar-me essa apparencia,
se afinal só me prova a tua ausencia
que continúas a pensar em mim?!

A ANTONIO CANDIDO

31 — 3 — 922

E sempre, e eternamente ha-de vibrar,
a Voz que soube, cinzelando a Ideia,
fazer de cada phrase uma epopeia
que os tempos não conseguem apagar!

E, para um tal espirito cantar,
em vão procuro a heroica melopeia...
— Sou como um pobre, um leve grão de areia
que humildemente festejasse o mar!...

Estas pallidas rosas que vos mando,
decerto, pouco a pouco, irão murchando;
mas vós sabeis ouvil-as, entendêl-as.

E heis-de saber tambem quanta alegria,
quanto orgulho, Senhor, eu sentiria,
se em vez de rosas vos mandasse estrellas!

DESCRENÇA

Eloquencia no amor? Mas se não basta!
A tua, não a julgo verdadeira,
porque embora se esforce, embora queira,
não me convence ainda, nem me arrasta...

A tua phantasia é muito vasta,
mas o amor não se diz d'essa maneira.
Quem tenta descrevêl-o, — oh, a canceira!
quanta palavra inutilmente gasta!...

Outras venceste, eu sei; mas o que dizes,
sem convicção, sem fundo, sem raizes,
sinto-o ephémero e vago como a espuma...

Crer em ti!... — Se a minh'alma, anciosa, espera
pela palavra simples e sincera
que inda não tenhas dito a mais nenhuma!

MANHÃ

Oh! a frescura intensa da manhã,
batendo, perfumando toda a estrada!
Inda ha pouco apanhei uma braçada
de alfazema florida, ingenua e sã...

Abre no céu a fulgida romã
que em bagos de oiro se desfaz, cansada,
— Oh! como eu sinto agora renovada
a minha fé tranquilla de christã!

Morenas, despertáram as amoras.
Começa ao longe a vibração das nóras,
todo o campo se alegra e se illumina!

Passam pardaes, a grazinar, em bando...
Um rebanho, um pastor, de quando em quando...
— E cheira a matto, a fructos, a resina...

IMPOSSIVEL

JÁ dos jardins o tépido perfume
aos poucos se esvahiu, cançado e lento...
Já toda a furia trágica do vento
se transformou num timido queixume!

Instante de fugaz recolhimento
que a minh'alma somnambula resume...
Já tudo o que foi ancia e febre e lume
se apagou num maguado esquecimento!...

Das muitas ambições que me arrastáram,
quantas pelo caminho se ficáram,
— perdidas sombras de perdida escolta!

Hoje, que dolorosa nostalgia!
E como eu doidamente apetecia
voltar de novo ao tempo que não volta!

MÊDO

Ouve o grande silencio d'estas horas!
Ha quanto tempo não dizemos nada...
Tens no sorriso uma expressão maguada,
tens lagrimas nos olhos e não choras!

As tuas mãos nas minhas mãos demoras
n'uma eloquencia muda, apaixonada...
Se o meu sombrio olhar de amargurada
procura o teu, succumbes e descoras...

O momento mais triste d'uma vida
é o momento fatal da despedida.
— Vê como o medo cresce em mim, latente...

Que assustadora, enorme sombra escura!
Eis afinal, amor, toda a tortura:
— Vejo-te ainda e já te sinto ausente.

HESITAÇÃO

E passei nesta lucta, heroica, immensa,
toda a manhã : — «Não sei se vá, se não. . .» —
— Quando surge uma tal hesitação
não póde haver, não ha, ninguem que a vença.

Dizia-me baixinho o coração :
— «Vae ! Não penses ! Quem ama, nunca pensa !» —
Mas n'uma voz dominadora, intensa :
« — Não vás ! Não vás ! — » gritava-me a razão.

Ir, para quê? Não indo, que vantagem?
Foi duvida, foi mêdo, foi coragem,
— foi um mundo de coisas que eu pensei.

Não fui. Mas quando vi que já não ia,
e que nada, entretanto, m'o impedia,
o que eu chorei, meu Deus! o que eu chorei!

CHORAR

Chorei muito, chorei. Já não podia!
De tal maneira me senti quebrada,
tão abatida e tão desorientada,
que inda hoje me lembra aquelle dia.

Era um choro convulso! Mas eu via
a minha dor, aos poucos, acalmada.
Via que em cada lagrima chorada
essa dôr socegava, adormecia...

Venci, chorando, o temporal desfeito...
Assim, ao soffrimento, no meu peito,
quebrei a garra venenosa e adunca!

Chorei! Meu coração, não me desprezes,
que se é triste chorar algumas vezes
mais triste deve ser não chorar nunca.

CERTEZA

O desejo maior de toda a gente
é ter um maior bem, de maïor dura;
e longe a procurál-o se amargura,
tendo-o ás vezes tão perto e tão presente!

Deve ter sempre o coração consciente
quem se aventure a procurar ventura.
Deve sempre saber o que procura
para que não procure inutilmente.

O sonho que em mim arde e em mim se expande,
ha-de chegar ao fim, ha-de ser grande!
O meu instincto é que o presente e o diz...

Sei onde vou e a parte que me cabe!
E ha tanta, tanta gente que nem sabe
o que lhe falta para ser feliz!

CONFISSÃO

Quando ás vezes me queixo, não é nada
pelas loucuras que tens feito. Não!
A gente não domina o coração,
antes por elle é sempre dominada...

Sei que ainda em teus olhos, disfarçada,
vibra a chamma da ultima paixão!
Que fallas da saudade e da illusão
n'uma voz triste, lenta, perturbada!

Tu procuraste sempre em toda a parte,
emoções raras, e eu não posso dar-te
mais do que um calmo, um grande amor sem fim!...

Viveste horas febris, horas serenas...
Não as lamento, não. Lamento apenas
as que tu não guardaste para mim!

VENEZA

Agora, ao morrer da tarde,
a luz é dolorosa, é muito vaga,
uma luz que brilha e arde...
Ha sol ainda,
mas aos poucos se apaga...
— O fim da tarde! —
Luz de doçura infinda!
Derradeiro clarão debil e frouxo!
Veneza, agora,
parece abrir á luz crepuscular
como um grande, um enorme lyrio roxo...
Eternamente moça, eternamente linda,

é tal qual uma princeza
cujos olhos de luar
ficassem afogados em tristeza,
ficassem a chorar...
Foi por isso talvez que alli nasceu
tão grande tapete d'agua;
para os passos de quem passa
nunca poderem accordar da magua
aquella triste princeza
sempre a scismar, a scismar!

*

* *

Veneza, de mãos postas, vae rezando
um sonho triste, um sonho brando...
E tem nos olhos inquietos
a expressão dolorida

de quem na sombra incerta vê passando
a sombra medieval da propria vida!
Somnambulas, as gondolas lá vão
como esbeltos e lentos cysnes pretos!...
Ah! Quantos corações enamorados,
n'ellas foram levados,
embalados
pela mesma illusão!
E á luz serena e calma, á dôce luz do luar,
Veneza
é como um velho e gasto coração
que em penumbras saudosas de tristeza
se ficasse a lembrar!...

*

* *

Quero ouvir longamente os teus segrêdos
onde ha clarões d'amor e de tragédia!

Que a tua voz me diga
a calumnia, a perfidia, os mil enrêdos,
o veneno, o odio, a intriga
que foram sombra e luz de toda a Idade-Media!
Veneza!
Se eu pudesse tomava-te nos dêdos
como uma joia rara e antiga...

*

* *

Veneza, livro raro, livro extranho,
onde ha mil folhas abertas,
onde ha mil folhas fechadas!
Livro tamanho,
d'um mysterio tão fundo,
que pelas tuas paginas incertas
ha mil annos que passa o olhar do mundo!

Veneza! Flor bizarra
que dentro d'agua ficaste
como prêsa n'uma jarra
a retardar o instante de morrer!...
Silenciosa, divina cathedral
onde ás vezes o Sol, doirado e intenso,
toma, ao entardecer,
a forma d'um brazeiro colossal
em que Deus queima incenso!
Veneza! Velha-menina
vendo-se ao espelho das aguas,
infantil e pequenina,
a perguntar se tão profundas maguas
lhe cavàram na face grandes rugas!
Ès uma avó contando historias
de tristezas, de glorias...
«Era uma vez» — principias,
e lógo as tuas lagrimas enxugas,
morta de commoção,

cheia de pallidez!
E a tua voz dormente,
— voz do teu coração —
voz de sonho, de encanto, de saudade,
timbre cansado mas lindo,
vae por toda a Eternidade
repetindo:
«Era uma vez...»

CAPRICHO

Não me falles agora. Estou doente,
muito nervosa, muito perturbada.
Poz-me assim a alegria exaggerada
que mostras sempre ao pé de toda a gente.

Tenho confiança em ti; mas, de repente,
a tua distracção, talvez pensada,
crava em meu peito a garra envenenada,
e chóro, e lucto, e soffro horrivelmente.

Então, — vê tu em que incoherencia eu ando! —
quizera ver-te as lagrimas bailando
na expressão mais anciosa e succumbida!

Assim teria um prazer raro e dôce
eu, que para evitar-te uma que fosse
era capaz de dar a minha vida!

BRUMA

Não sei quem anda a perseguir-me os passos
n'esta amargura enorme em que me agito.
Ergo os braços, em ancia de infinito,
e sempre encontro fim para os meus braços!

Desce ao meu rosto de orgulhosos traços
a rigidez amarga do granito.
Olho as estrellas uma a uma, e grito
á immensidão solemne dos espaços...

Tóco o imperio divino da loucura,
e subo tanto, a uma tão grande altura,
que nem tu, minha sombra, lá me attinges!

Se alguem me busca, eu vou mais aito lógo.
E se estonteada, ás vezes me interrogo,
sinto em mim o silencio das esphynges!...

ETERNO AMOR

PEDRO, o grande amoroso, o eterno amante,
aos pés d'Ignez, maguado e triste, diz:
— «Fez-me cruel o muito que te quiz,
... e a mim pergunto se te quiz bastante.

Flor que viveu na terra, sem raiz,
aza que ao ceu voltou, pura e vibrante,
assim tu foste, oh meu amor distante,
a um destino mais alto e mais feliz...

Ficarei a lembrar-te. — A vida passa...
Mas não me esquece a luz da tua graça,
a côr do teu cabello, o teu olhar...

Vae-me esperando. A expiação redime,
e eu tenho em vida a expiação d'um crime:
o santissimo crime de te amar!» —

II

DESCANÇÁRAM emfim! Lembram agóra
o doce, o claro sonho interrompido,
o maior sonho que se tem vivido
desde que o Sonho as almas enamóra...

E as pedras rendilhadas, hora a hora
vão contando ao silencio commovido
o verdadeiro, o tragico sentido
do amor humano quando soffre e chóra!

Toda a ambição d'um vôo insatisfeito,
oh, garça real, se te apagou no peito,
ligada ao somno tumular, profundo...

Na eternidade o teu amor se expande!
— Esse amor que entre os grandes é tão grande
que ha-de ser grande «até ao fim do mundo!...»

OUTOMNO

VEM ver, vem ver como a folhagem sente
a doçura nostalgica do outomno!
Vem ver esta saudade, este abandono
em que a terra se esquece, tristemente!

Vem vêl-a agora... Assim ficou, dormente,
d'olhos cerrados como quem tem somno...
— Rainha exhausta a adormecer no throno,
serena, virginal, convalescente!

Vê, como são profundamente estranhas
as vibrações da luz sobre as montanhas!...
— Ora violentas, ora débeis, frouxas...

Vê como é bella a transparencia do ar
e como á luz do outomno, o teu olhar
tem a tristeza das violetas rôxas!

MAR

Mar! Velho mar ancioso e palpitante!
Quando elevas as ondas para os céus,
é revolta o que sentes, oh gigante,
ou é desejo de subir a Deus?

Mar! Velho mar perturbador, vibrante,
de nervos tão incertos como os meus!
Mar tempestuoso, aventureiro, errante,
que és tumulo de reis e de plebeus!

Coberta azul com folhos mil, de renda...
A tua voz, não ha ninguem que a entenda,
mar caprichoso, esphyngico, profundo!

E tanta vez, inconsolavel, chóras...
Que dôr, que angustia trágica deploras,
oh mar, immensa lagrima do mundo!

UM SONHO

Meu amor! Meu amor! Como eu relembro ainda
as mil divagações, os tragicos segrêdos,
que, nascidos da noite inspiradora e linda,
a minh'alma sonhou, n'uma anciedade infinda,
emquanto o mar bramia em volta dos rochêdos!

Sonhou? Nem sei dizer se era sonho ou certeza
que alguma voz do Além dentro em mim repetisse;
sei que hoje, ao ver crescer a vaga da tristeza,
mais do que nunca eu sinto as coisas que te disse!

Não te lembras? : —«Amor, deixa subir o dia,
Deixa romper, mais viva, a madrugada! Então,
verás que hei-de cumprir, serena, a prophecia
que ha tanto me segreda o proprio coração.

Sei bem que vou morrer! Que hei-de morrer scismando,
sem attitudes vãs e sem mentidas phrases.
E fito o olhar no céu, que é mysterioso e brando
como um grande jardim florido de lilazes...

É bom morrer assim em plena mocidade,
tão perto do explendor furtivo dos vinte annos!
Dar á minha belleza a luz da eternidade,
fugindo á sombra, ao mal, ao mundo, aos desenganos!

Quantas vozes, talvez, irão dizer: — Tão nova!
A minha, ha-de cantar, mais forte e mais precisa:
— Na morte é que a saudade impera e nos renóva,
na morte é que afinal a vida se eternisa!

Quem me dera morrer, sentindo a primavera
do nosso grande amor! Ir cega, convencida
de que eras a maior, a mais feliz chymera,
a mais doce illusão de toda a minha vida!

Hei-de levar commigo a tua voz vibrante,
e, guardando-a commigo, amor, imaginar
que apenas para mim foi suave e murmurante,
e que só para mim aprendeu a vibrar.

Vamos! Vamos subir ao alto da montanha!
Ha-de ver-se de lá o Oceano, lado a lado...
Vê como a madrugada é luminosa e estranha.
Vê como agora o mar se queda enamorado...

Sinto que chega o instante... E, — vês? — o meu desejo
é dar-me toda ao mar... È sentir n'um segundo,
o coração do mar tremer sob o meu beijo...
— dar a vida n'um beijo, ao grande mar profundo!

Quero morrer! Morrer sem que succumba a esperança,
porque te levo a ti, bem junto ao coração,
na certeza febril, na doida segurança
de que attingimos nós a eterna perfeição»! —

. . . .
Sonhei... Foi afinal mais sonho que certeza!
Voz do Além? Muito embora! Antes eu não a ouvisse,
pois mais alta subiu a vaga da tristeza,
afogando em saudade as coisas que eu te disse!

Meu amor! Meu amor! Porque lembrar ainda
as mil divagações, os trágicos segredos,
se a noite já não volta, inspiradora e linda,
se só responde á voz d'esta anciedade infinda
o infindo mar galgando a crista dos rochêdos!

INGRATIDÃO

ABRI meu coração de par em par.
Dei-te um jardim de cravos e verbenas...
E quiz que fosses rei, e foste apenas
um rei que nunca soube governar.

Fui esphynge para mais te perturbar...
Em attitudes graves e serenas,
fiz perguntas, perguntas ás centenas,
— e nunca me soubeste decifrar !

Fui um pouco de todas que conheces,
Quiz dominar-te eu só, quiz que soubesses
como se aprende a amar uma mulher...

Agóra gostas d'outra, e tanto, tanto!
Foi em mim que aprendeste a achar-lhe o encanto
—e nunca m'o soubeste agradecer!

ÁMANHÃ

Ámanhã! E dizer que as nossas vidas
n'esta palavra enorme se contêm!
E que, n'ella, a paixão, o odio, o desdém,
são sombras n'outra sombra resumidas!...

Dizer que as horas passam, consumidas
na febre d'outras horas, que não vêm
ou que, se chegam, nos darão tambem
mil e mil ambições inattingidas!

«Amanhã»! — Só Deus sabe para quantos
o que promettes nunca teve encantos,
vaga promessa enganadora e vã!

Mas por que lei contradictoria existes,
negra illusão! Se a magua dos mais tristes
inda é não ter na vida um ámanhã!

PORQUÊ ?

Por que mysterio, emfim, por que motivo
ha-de o teu coração, glorioso e ardente,
que suppuz sempre forte, sempre esquivo,
ter um passado como toda a gente?

Por que destino só por elle eu vivo,
só por elle vivi, anciosamente,
se o não guardavas bello, puro e altivo,
para se dar a mim unicamente?

Por que razão has-de evocar vibrantes,
encantadas visões de mil instantes
que outra te deu e em mim não presentiste?

Porquê, divina luz de que me innundo,
se eu desejava tanto que o teu mundo
começasse no instante em que me viste?!

CREPUSCULO

SÓBE, tranquillo, o fumo dos casaes.
Hora crepuscular, hora saudosa...
Adormece o perfume, em cada rosa,
correm todas as pombas aos pombaes...

Hora de «Sempre»! Hora de «Nunca mais»!
Hora entre todas suave e dolorosa,
em que a sombra se esquece, religiosa,
sobre a vaga penumbra dos vitraes!...

Hora cheia de encantos e mysterios,
que atravessas, que doiras mil imperios!
Conta historias do Além! Quero aprendêl-as,

saber por que insondaveis phantasias
ha-de morrer o sol todos os dias
e hão-de surgir no Céu tantas estrellas!

INVERNO

E a folhagem, cansada, não resiste.
E vae cahindo a chuva, lentamente,
soluçando em voz baixa, em voz dormente,
uma sonata apaixonada e triste.

Mas o meu coração, ancioso, diz-te
mil palavras de amor que o teu presente...
E a tua voz cahe sobre mim, dormente,
como a sonata apaixonada e triste...

Recêbo sempre o inverno de mãos postas
porque a roseira de que tu mais gostas,
só agóra dá flor, só por ti espéra,

para florir todo o teu sonho d'arte.
E se amo o inverno é porque posso olhar-te,
— minha eterna, gloriosa primavera!

AO SOLDADO DESCONHECIDO

9—4—1921

CHAMÁRAM-N'O, partiu... Ordens de guerra.
Sem dar mostras sequer, de desalento,
marcou para mais tarde o casamento
e disse adeus ao sol, ao ar, á serra...

Foi, ao lado da França, da Inglaterra.
Fez o espanto de todo o regimento,
e nunca abandonou, nem um momento,
a ideia fixa de voltar «á terra»!

Morreu. Vae a passar. O povo reza,
tocado de ternura, de tristeza.
E, n'este instante de maguado brilho,

n'este instante de luto e de saudade,
quantas Mães, soluçando em anciedade,
perguntarão baixinho: — És tu, meu filho?

ANCIEDADE

ANDO triste. Depois, vou á procura
d'alguma distracção ao meu cuidado.
Passeio as ruas todas, lado a lado,
mas é sempre maior esta amargura.

E soffro! E ninguem vê! É uma loucura
pensar que o meu tormento allucinado
o sinto apenas eu, tão ignorado
que o não sabe nenhuma creatura!

A vida continúa. Nem lhe importa
o que se passa além de cada porta...
— E o meu desgosto é cada vez mais fundo!

Ninguem vê, ninguem pára... Cahe-me o pranto.
E esta amargura sóbe tanto, tanto,
que o meu desejo era parar o mundo!

SALOMÉ

Olha-se a furto, inquieta, nos espelhos
que lhe reflectem a belleza e a graça...
E sacóde, fremente, quando passa,
as anilhas de prata dos artelhos...

Ergue-se toda e logo cahe, de joelhos.
Os perfumes são quentes; a luz, baça...
E aquelle corpo já não anda, esvoaça
sobre os tapetes flacidos, vermelhos...

E corre sempre! Tilintando, as contas
como serpentes perturbadas, tontas,
cingem-lhe os braços, o pescoço, a trança.

Desmáiam chammas... Vae surgindo a lua...
Deusa do Rhythmo, Salomé, fluctua,
e ri, n'um grande riso, e dansa... dansa...

ETERNAMENTE

GOSTO de ti! Se crês no meu instincto
vae aprendendo a ler esta verdade
e vê tambem a pura claridade
de tudo quanto sou e quanto sinto.

Emquanto eu pairo acima da maldade
não andes tu julgando que te minto,
nem creias complicado labyrintho
o que é só, afinal, simplicidade!

Gosto de ti! No fundo da minha'alma
este amôr vive sempre, não se acalma,
vive orgulhoso de me ver soffrer...

Gosto de ti! Que importa? Podes rir,
podes talvez cansar-te de o ouvir!
Mas não me canso eu nunca de o dizer!

TRYPTICO

Manhã...
Olha o Sol, meu amor! Vê como Deus
não pode ser uma palavra vã!
Toda a paisagem ergue para os Céus
os perfumados braços...
Passa na terra uma caricia ardente
que nos envolve silenciosamente
de invisiveis abraços...
Nos canteiros,
a symphonia rubra dos craveiros
allucinada, viva, e ao mesmo tempo exangue,
põe delirios estranhos no meu sangue!...

Toda a paisagem grita
n'uma anciedade infinita,
n'uma anciedade louca !
Deus não é nunca uma palavra vã !
Oh meu amor ! Tão linda a tua bocca
na frescura triumphal d'esta manhã !

Repara agora na tarde.
O sol apenas alumia,
já não queima, não arde ;
a paisagem, mais pallida, mais fria,
toma attitudes vagas de oração,
e a terra, intimamente recolhida,
tem uma côr dolorida
de paz e de emoção...

É o fim da tarde!
Porque não fallas, meu amor, agora
que o sol não queima, não arde
e o teu olhar cançado chóra?
Vae cahindo a penumbra em quanto existe!
Porque tens sempre o teu olhar tão triste
a esta hora?

Noite... Silencio... Na minh'alma
toda a revolta se acalma.
Não se vê, sente-se apenas
um bater de azas
perdidas, melancholicas, serenas...
Do calor vivo das brazas
ficáram cinzas cinzentas...

A paisagem não se queixa;
solta os cabellos, e deixa
que o corpo lhe adormeça acalentado
pela caricia do Céu
pouco a pouco estrellado...
Hora de estrellas,
illuminando o espaço norte a sul!
Vem commigo, vem vêl-as
no Céu azul!...
Noite... Silencio... Que emoção!
Oh meu amor! Não falles,
aperta a minha mão na tua mão!
Agora,
n'esta encantada hora,
tu e eu somos apenas coração!

SOMBRA

Assim vaes, alma forte, alma orgulhosa,
á procura do amor... — Nunca o sentiste?
É uma fraqueza, a que ninguem resiste;
é uma verdade, e sempre mentirosa!

Mas partes! Eu bem sei que inda não viste
quem d'essa viagem volta... Ah, ninguem ousa
dizer-te como a alma vae gloriosa
para voltar depois cansada e triste!...

O amor ! Doce illusão de eternidade
que as pobres almas pouco a pouco invade,
deixando-as sempre velhas, sempre sós...

O amor! O amor! A grande luz ardida!
Brilhou! Queimou! Depois, por toda a vida,
— que mysterio de sombra atraz de nós!...

LUZ DISTANTE

INDA me lembra aquelle conto brando
que a minha Mãe sorrindo me contava,
d'uma princeza que ia andando, andando,
atraz d'uma luzinha que a chamava...

E assim, d'uma princeza fez escrava
a caprichosa luz que, scintillando,
quanto mais a princeza caminhava,
mais e mais ia sempre caminhando...

Lembra-me ainda! Eu sou como a princeza.
Tambem atraz de certa luz accêsa,
sigo cheia de crença e de cegueira!

Cada vez mais me prende e me avassalla...
Mas não sei se é melhor eu alcançál-a
se correr atraz d'ella a vida inteira!...

CORAÇÃO

É primavera! A minha mocidade
abre as azas doiradas á alegria...
Que immensa e luminosa claridade!
Sinto o meu coração dar meio dia...

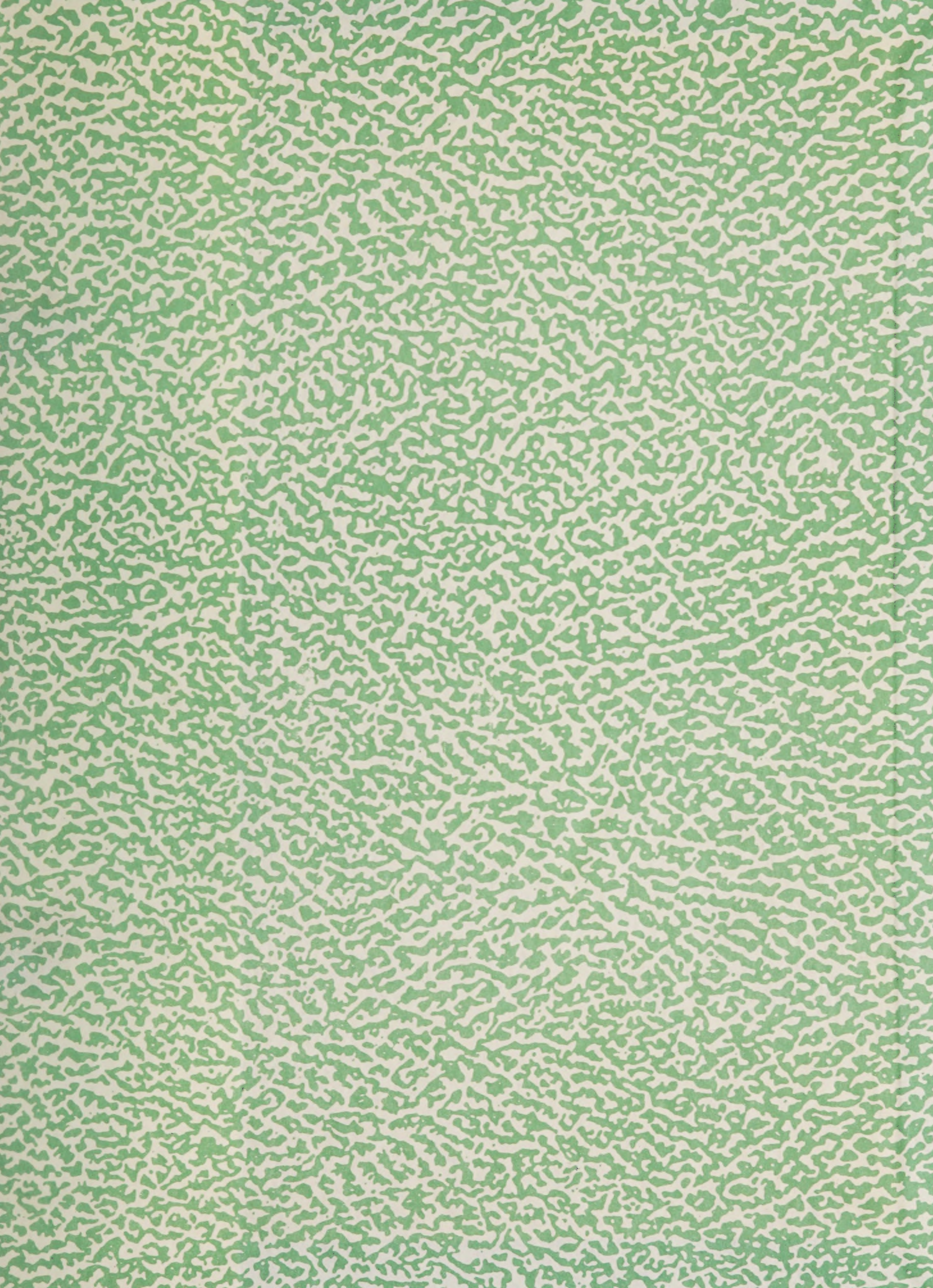
Tarde estival. Serena, a minha idade
ouve agora a mais alta symphonia!
— Outomno! É já Passado! É já Saudade!...
Tóca-me o coração Avé-Maria...

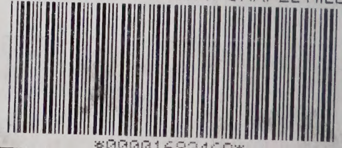
Inverno. Cresce o frio... Tanto gêlo,
a cahir, a cahir no meu cabello!
Dá meia noite o coração, e agora,

quando tudo se acaba e tudo foge,
elle é um relogio que dá horas hoje,
pelo costume de as ter dado outr'óra!...

INDICE

Este livro foi composto e impresso na OTTOSGRAFICA, largo do Conde Barão, 50




UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL